

## OS COMPOSITORES

08.03.1998

Como dissemos a semana passada, a hipertrofia dos recursos harmônicos instrumentais colocavam a Música numa condição em que parecia não haver saída. Mas a saída afirmou-se entre o século XIX e o nosso (XX) por três caminhos que foram todos caminhos de recuo daquelas hipertrofias: o Impressionismo e o Expressionismo, manifestações do decadentismo romântico e o despojado neoclassicismo introduzido por Strawinsky. Falei em decadência, mas tal termo não tem nenhuma conotação pejorativa; apenas indica um momento muito peculiar da arte e da vida na velha Europa.

O Impressionismo significa fundamentalmente Claude Debussy que nasceu em 1862 e morreu em 1918 enquanto estava terminando a primeira grande guerra.

Os dados fundamentais desse decadentismo são a perda dos grandes ideais, o cansaço da vida, a tristeza da carne e a decepção da cultura acadêmica - " Helas , jái lu touts les livres et la chair est triste" - Mallarmé , e o conseqüente refúgio na contemplação estética da dissolução e na renúncia; mas sobretudo é marcante o amoralismo dessa poética, isto é, o total distanciamento de qualquer preocupação moral e social. A isto se acompanha uma espécie de mórbida lassidão de sonhos e devaneios e de renúncia à ação.

Todos esses conceitos são muito bem expressados em dois fragmentos de poesias de Paul Verlaine, o primeiro dos quais prega a luta contra a eloquência.

O segundo retrata o artista decadente como um puro esteta que no fim do império romano vê passar os grandes bárbaros invasores e continua escrevendo um acróstico indolente.

Pode parecer que tudo o que eu disse antes seja uma condenação do impressionismo e de Debussy, principalmente por parte de quem foi educado no culto humano de Beethoven e de Verdi. Mas não é assim.

A sagrada autonomia da arte faz com que se observe o fenômeno artístico com total despojamento de qualquer preconceito. Se o resultado da obra de arte é como deve ser, uma total originalidade e coerência na visão poética, devemos reconhecer que poucos compositores foram tão originais como Debussy. Uma originalidade por sinal tão irrepetível que os debussystas são geralmente impotentes, assim como são impotentes os wagnerianos nas pegadas daquele gigante.

Para definir a arte de Debussy, nada melhor do que as palavras de Massimo Milla: " Requite detalhista e precioso, elegância ágil e espiritual".

As fontes da formação de Debussy foram a sensibilidade dedicada de Massenet, seu mestre,

a liberdade expressiva da ópera russa, o amor pela elegância mundana do século XVIII e principalmente dos cravistas franceses, a poesia parnasiana e simbolista, principalmente através de Baudelaire, Verlaine e Mallarmé e a pintura impressionista de Manet, Monet e Degas.

Aliás é esta a primeira vez na história em que a música sofre a influência da pintura, através do sentimento da luz e de suas nuances.

Se a música dos clássicos vive da luz do sol, a música impressionista é lunar. Na produção de Debussy há duas fases: a primeira verdadeiramente impressionista, se aceitarmos este termo bastante vago. Uma música de verdadeira despreocupação formal em que a liberdade das dissonâncias em vez de aumentar parece reduzir as tensões numa constante e tranquila serenidade.

Vamos ouvir:

Preludio à tarde de um Fauno - 10'

La Mer - 25 '

Três Noturnos - 25'

Suite Bergamasque 22'

Três Peças - 12'.

Incompleto.